

ÍNDICE

ANÁLISE MACROECONÔMICA III - “TEORIA DA POLÍTICA MONETÁRIA”	2
CONCORRÊNCIA E CRESCIMENTO DA FIRMA – “CRESCIMENTO E CONCORRÊNCIA DE FIRMAS”	4
CONTEXTO INTERNACIONAL – “ESTRATÉGIA E GESTÃO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS”	6
DESENVOLVIMENTO E RECURSOS NATURAIS	8
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – “A ECONOMIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: CARACTERÍSTICAS E DETERMINANTES DE SUA EVOLUÇÃO RECENTE”	10
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO BRASIL: TEORIA E POLÍTICA	12
DINÂMICA TECNOLÓGICA DAS INDÚSTRIAS ENERGÉTICAS	14
ECONOMIA AGRÍCOLA I – “ECONOMIA AGRÁRIA”	16
ECONOMIA APLICADA A – “DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE DE RENDA	18
ECONOMIA FINANCEIRA I	21
ECONOMIA INTERNACIONAL III – “COMÉRCIO E CRESCIMENTO ECONÔMICO”	23
ECONOMIA POLÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS- “ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL”	25
ECONOMIA POLÍTICA III - “PENSAMENTO ECONÔMICO INSTITUCIONALISTA (VEBLEN-COMMONS)”	27
ESTADO E ECONOMIA - “ECONOMIA DO BEM-ESTAR SOCIAL”	29
ESTRATÉGIA EMPRESARIAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – “TEORIA E PRÁTICAS DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL APLICADA AO SETOR FINANCEIRO”	33
FINANÇAS E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL	35
MATEMÁTICA FINANCEIRA I - “MATEMÁTICA FINANCEIRA COM EXCEL”	37
REGULAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ENERGIA	38

ANÁLISE MACROECONÔMICA III - “TEORIA DA POLÍTICA MONETÁRIA”

Código da disciplina: IEE367

Pré-requisito(s): Economia Monetária I

Prof.: Antonio Luis Licha (licha@ie.ufrj.br)

3ª/5ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9086**

PROGRAMA

* Leitura optativa

Referências gerais da Teoria da Política Monetária: Blinder (2006)*.

PARTE 1: Política Monetária nos anos '60 e '70

I: Síntese Neoclássica

Revisão: Ciclo e Tendência. Curva de Phillips Inercialista.

1 - O esquema de Tinbergen

Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 1), Blinder (1998, ensaio I, seções 1,2)*.

2 - Classificação Efetiva do Mercado

Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 1).

3 - Incerteza aditiva (equivalência de certeza) e multiplicativa

Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 2), Kempf (2005, seção 3), Blinder (1998, ensaio I, seção 3)*.

4 - Escolha de instrumentos de política monetária

Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 3), Kempf (2005, seção 4), Blinder (1998, ensaio II, seção 2)*.

II: Expectativas Racionais

Revisão: Curva de Phillips de Lucas.

1- A crítica de Lucas

Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 4).

2- Regra vs Discrição

Fisher (1991, seção 5), Sachs-Larrain (2000, cap. 19, seção 5), Blinder (1998, ensaio II, seção 4)*.

3- Inconsistência Dinâmica e Reputação

Fisher (1991, seção 6).

4- Incerteza: Flexibilidade e Regras

Fisher (1991, seção 7), Blinder (1998, ensaio I, seção 4)*.

PARTE 2: Política Monetária nos últimos 20 anos

III: Novo Consenso

1- Surgimento do Novo Consenso

Goodfriend (2007).

2- Modelo básico e Regra Monetária Ótima:

Bofinger, Mayer e Wollmershäuser (2006, pp. 98-106, Apêndices A e B), Carlim e Soskice (2006, cap. 5, seção 3 e 4.1)*.

3- Regra de Taylor

Bofinger, Mayer e Wollmershäuser (2006, pp. 106-112), Carlim e Soskice (2006, cap. 5, seção 4.2)*.

4- Política Monetária e Fiscal

Bofinger e Mayer (2003).

5- Política Monetária Ótima em Economia Aberta: câmbio flutuante e fixo.

Bofinger, Mayer e Wollmershäuser (2009).

- 6- Estrutura a termo da taxa de juros e política monetária
Mishkin (2006, cap. 6, pp. 127-139).
- 7 - Canal do crédito e Política Monetária
Bernanke e Blinder (1988).
- 8 - Política monetária pós Crise
Svensson (2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Na Xerox tem uma cópia do material obrigatório

- Bernanke, B. e Blinder, A. (1988), Credit, Money, and Aggregate Demand, *American Economic Review*, 78, May: 435-439.
- Blinder, A.S. (1998), *Bancos Centrais: Teoria e Prática*, Editora 34, São Paulo.
- Blinder, A.S. (2006), Monetary Policy Today: Sixteen Question and About Twelve Answers, *mimeo*, Princeton University.
- Bofinger, P. e Mayer, E. (2003), BMW-Model - A New Framework for Teaching Macroeconomics: Monetary and Fiscal Policy Interaction in a Closed Economy, *mimeo*, October.
- Bofinger, P., Mayer, E. e Wollmershäuser, T. (2006), The BMW Model: A New Framework for Teaching Monetary Economics, *Journal of Economic Education*, 37, 1, Winter: 98-117.
- Bofinger, P., Mayer, E. e Wollmershäuser, T. (2009), Teaching New Keynesian Open Economy Macroeconomics at the Intermediate Level, *Journal of Economic Education*, 40,1, Winter, 80-101.
- Carlin, W. e Soskice, D. (2006), *Macroeconomics: Imperfections, Institutions and Policies*, Oxford University Press.
- Fisher, S. (1990), Rules versus Discretion in Monetary Policy, in B.Friedman e F. Hahn (eds.), *Handbook of Monetary Economics*, Volume II, Elsevier Science Publishers B.V.: 1155-1184.
- Goodfriend, M. (2007), How the World Achieved Consensus on Monetary Policy, *NBER Working Paper N° 13.580*, November, Cambridge.
- Kempf, H. (2005), Notas de aula, *mimeo*, Univ-Paris I, Paris.
- Mishkin, F. (2006), *The Economics of Money, Banking, and Financial Markets*, Pearson Addison Wesley, Seventh Edition.
- Sachs, J. e Larrain, F. (2000), *Macroeconomia – Edição Revisada e Atualizada*, Makron Books, São Paulo.
- Svensson, L.O. (2010), Inflation Target After the Financial Crisis, *Reserve Bank of India's International Research Conference*, Mumbai, February.

AVALIACÃO

Serão realizadas duas avaliações escritas:

- a primeira com as seções I e II;
- a segunda com as seções III e IV.

CONCORRÊNCIA E CRESCIMENTO DA FIRMA – “CRESCIMENTO E CONCORRÊNCIA DE FIRMAS”

Código da disciplina: IEE-007
Pré-requisito: Economia Industrial
Prof.: Jacob Frenkel (jfrenkel@oi.com.br)
3ª/6ª - 11:10/12:50
Nº da turma no SIGA: **9073**

OBJETIVO

Analisar os processos internos(financeiros, organizacionais, tecnológicos e de gestão corporativa) e externos (formas de crescimento, concorrência e evolução das indústrias) relacionados ao fenômeno do crescimento das firmas.

PROGRAMA

1. Principais modelos de crescimento: Steindl, Wood, Penrose e Marris

Steindl, J: “Maturidade e Estagnação do Capitalismo Americano”, Caps. 2, 4, 5-7, Ed. Abril, Série: Os Economistas.

Wood, A: “Uma teoria de Lucros”, Caps: 1-3; Ed. Paz e Terra.

Penrose, E,T; “The Theory of The Growth of the Firm”, Caps: I, III, VI, VII e VIII, Ed. Basil Blackwell. Tradução em Português, Editora Unicamp.

Marris, R; “The Economic Theory of Managerial Capitalism”, Caps 1-3 e 5, Ed. Basic Books, “Managerial Capitalism in Retrospect”, Ed. MacMillan Press. Ltd.

Marris, R; “An Introduction to theories of Corporate Growth” in “The Corporate Economy: Growth, Competition and Innovative Potential”, H.U.P., 1971.

2. Crescimento das Firms e Evolução das Indústrias:

2.1. Bloch, H; “Steindl Contribution to the Theory of Industry Concentration”; Australian Economic Papers, March, 2000, (92-106)

2.2. Bloch, H e Finch, J.; “Steindl, Penrose and Corporate and Industrial Evolution” , mimeo, 2004

2.3. Bloch, H; “Schumpeter and Steindl on the Dynamics of Competition”, Journal of Evolutionary Economics (2000) 10: 343-353.

2.4. Bloch, H; “Steindl on Imperfect Competition: The role of Technical Change”, Metroeconomica, Vol. 57(3), pp.286-302.

2.5. Chandler, A.D.; “The Visible Hand”, Part V, pp. 377-482, H.U.P, 1977.

3. Processos Financeiros:

3.1. “A Theory of Financial Analysis”, Lerner, E,M e Carleton W. T.; Ed: Harcourt, Brace & World; Ch. 2 e 5.

4. Gestão Corporativa:

4.1. Pitelis, C; “Corporate Capital-Control, Ownership, Saving and Crisis”, Ch 1 e 2, Ed. Cambridge University Press.

4.2. Lazonic, W. e O’Sullivan, M; “Maximizing Shareholder Value: A New Ideology for Corporate Governance” Economy and Society, Vol. 29, No. 1 (2000); pp.13-35.

4.3. Herendeen, J.B. “The Economics of the Corporate Economy”, Dunellen P. C., 1975

5. Mudanças Organizacionais.

6. Estudos Brasileiros:

- 6.1. Moreira, M.M. e Puga, F.P.; "Como a Indústria Financia o seu Crescimento", in *Revista de Economia Contemporânea*, 5(Especial):13-34, 2001.
- 6.2. Cattermol, F; "Crescimento da Firma e Comércio Exterior: Revisitando a Teoria de Adrian Wood"; *Revista de Economia Política*, vol. 26, No. 2(102), pp.239-257, abril/junho/2006.
- 6.3. Pereira, T. R.; "Formação de Preços e Financiamento Empresarial entre os anos 80 e 90 na Economia Brasileira", *Economia e Sociedade*, (14): pp. 89-126, junho 2000.
- 6.4. Punsuvo, F. RI; "O Ativismo dos Fundos de Pensão e a Qualidade da Governança Corporativa", *Revista de Contabilidade e Finanças, USP*, Vol. 18, No. 45, set/out, 2007, pp 63-72.

CONTEXTO INTERNACIONAL – “ESTRATÉGIA E GESTÃO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS”

Código da disciplina: IEE628

Pré-requisito: Comércio e Investimentos Internacionais

Prof.: João Bosco Machado (jbosco@ie.ufrj.br)

2ª/2ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9239**

OBJETIVO

A globalização ampliou significativamente os fluxos de comércio e de investimento entre países, incrementando as oportunidades de negócios internacionais. Os negócios internacionais, que envolvem negociações, comércio e investimento diferem do negócio doméstico porque o ambiente político, os elementos culturais, as condições econômicas e as regras que regem o funcionamento dos mercados tendem a apresentar diferenças significativas entre países. Como área de atuação empresarial e governamental, o desenvolvimento dos negócios internacionais constitui um campo que oferece inúmeras oportunidades, mas que impõe o domínio de informação e qualificação adequadas ao desenho de estratégias vencedoras, além de riscos específicos associados à gestão de negócios em um ambiente diferenciado.

A intensidade da concorrência, sinal da hostilidade do ambiente de negócios e a Complexidade institucional que revela a teia das relações entre agentes públicos e privados, são traços essenciais da arena onde se realizam os negócios internacionais. Capacitação, domínio de informação e experiência profissional são ingredientes fundamentais para o êxito da atuação dos agentes econômicos envolvidos com negócios internacionais.

O curso de Gestão de Negócios Internacionais pretende oferecer, em nível introdutório, fundamentos teóricos e analíticos, bem como o conhecimento de práticas, voltados para a identificação de oportunidades, a definição de estratégias e a gestão de negócios que envolvam a exportação e importação de bens e serviços e a realização de investimentos externos. Ao término do curso o aluno deverá ser capaz de responder às seguintes questões:

- O que são os negócios internacionais e quais são seus agentes?
- O que as empresas buscam com a inserção nos negócios internacionais?
- Quais são as características do ambiente em que ocorrem os negócios internacionais?
- Como o fenômeno da globalização cria oportunidade e desafios para os negócios internacionais?
- Como o ambiente político e cultural dos países e as regras de funcionamento dos mercados nacionais afetam os negócios internacionais das empresas?
- O que diferencia a gestão dos negócios internacionais dos negócios domésticos?

PROGRAMA

1. Os desafios dos negócios internacionais
2. Governos, leis e risco político nos negócios internacionais
3. O ambiente cultural como condicionante dos negócios internacionais
4. Planejando uma estratégia global de inserção nos negócios internacionais
5. O acesso ao mercado internacional: comércio e investimento externos

6. A gestão dos negócios internacionais: aspectos institucionais, comerciais, financeiros e o gerenciamento de recursos humanos
 7. Fazendo negócios com países desenvolvidos
 8. Fazendo negócios com países em desenvolvimento
- “Estudos de casos” farão parte de cada uma das seções estudadas.

BIBLIOGRAFIA

- CAVUSGIL, S. Tamer, KNIGHT, G. e RIESENBERGER, J. (2010) Negócios Internacionais: estratégia, gestão e novas realidades. Editora Pearson.
- MAIA, Jayme de Mariz (2007) Economia Internacional e Comércio Exterior. Editora Atlas.
- KATSILOUDES, Marios I. & HADJIDAKIS, Spyros (2007) International Business – a global perspective. Editora Elsevier.
- LARRAÑAGA, Félix Alfredo (2007) Organismos Internacionais de Comércio. Editora Aduaneiras.
- VASQUEZ, José Lopes (2007) Comércio Exterior Brasileiro. Editora Atlas.

DESENVOLVIMENTO E RECURSOS NATURAIS

Código da disciplina: IEE013

Pré-requisito(s): Teoria Macroeconômica II

Prof.: Carlos Frederico Rocha (fred.rocha@ufrj.br)

2ª/4ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9076**

OBJETIVO

A disciplina tem por objetivo analisar a problemática do crescimento em países especializados em recursos naturais. Desde o imediato pós-guerra, diversos autores vêm argumentando pela existência de uma maldição dos recursos naturais, em que países especializados no comércio e na produção desses bens apresentariam um crescimento da renda per capita abaixo da média internacional. Apesar de haver alguma evidência empírica a respeito, a presença de importantes casos de forte crescimento a partir dos recursos naturais levanta dúvida sobre a existência de uma maldição. O curso pretende apresentar as diferentes interpretações sobre essas questões e discutir seus desdobramentos sobre o crescimento futuro da América Latina e, mas especificamente, do Brasil.

PROGRAMA

1. Visões de Desenvolvimento
 - a. O que é mudança estrutural: a causa da industrialização
 - b. Dualidade e desenvolvimento econômico
 - c. O modelo de Lewis
 - d. ISI na América Latina
2. A Visão Cepalina dos Recursos Naturais: Deterioração dos Termos de Troca e Heterogeneidade Estrutural
3. A Economia dos Staples – Hirschmann e os Encadeamentos
4. O Problema das Pequenas Economias: Doença Holandesa
5. Análises Ortodoxas sobre a Maldição dos Recursos Naturais: Argumentação e evidência empírica
 - a. A teoria da escassez
 - b. Fragilidade Institucional
 - c. Capital Humano
6. Casos Exitosos de Crescimento com Recursos Naturais
 - a. EUA
 - b. Escandinávia
 - c. Austrália e Canadá
7. Capacitações, Capacidade de Absorção, Progresso Técnico e Recursos Naturais
8. Desenvolvimento Brasileiro Recente e Recursos Naturais
9. Há Desindustrialização no Brasil?

BIBLIOGRAFIA

1. AGARWALA, A. E SINGH, S. P. *A Economia do Subdesenvolvimento*. Forense, Rio de Janeiro.
2. SYRQUIN, M. Patterns of Structural Change. Chenery, H. and Srinivasan, T. (eds.) *The Handbook of Development Economics*, vol. 1. North-Holland, Amsterdam.
3. DE OLIVEIRA, A. e ROCHA, F. (2010) Learning and Capability Accumulation in the Brazilian Oil and Gas Equipment and Services Supplies Industry. mimeo

4. FURTADO, C. (2007) *Arquivos Celso Furtado n° 1: subdesenvolvimento com abundância de divisas*, Contraponto, Rio de Janeiro, 2007.
5. KRAUTKRAEMER, J. (1998) Nonrenewable resource scarcity. *Journal of Economic Literature*. Vol. XXXVI, pp. 2065-2107, December.
6. LARSEN, E. R. (2005) Are rich countries immune to the resource curse? *Resources Policy*, 30, 75-86.
7. LARSEN, E. R. (2006) Escaping the Resource Curse and the Dutch Disease? *American Journal of Economics and Sociology*, 65(3), 605-640.
8. LEDERMAN, and MALONEY, W. F. (eds.) *Natural Resources Neither Curse nor Destiny*. Stanford University Press, and the World Bank.
9. LEWIS, A. O Desenvolvimento Econômico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra. In Agarwala, A. e Singh, S. P. *A Economia do Subdesenvolvimento*. Forense, Rio de Janeiro, 1969.
10. ROCHA, F. (2010) Natural Resource Curse and Externalities from Natural Resource Exports. Mimeo.
11. SACHS, J, e WARNER, A. (1997) Natural Resource Abundance and Economic Growth. Center for International Development and Harvard Institute for International Development, Harvard University, Harvard,
http://www.cid.harvard.edu/ciddata/warner_files/natresf5.pdf.
12. TORVIK, R. (2001), Learning by Doing and the Dutch Disease. *European Economic Review*, 45, 285–306.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – “A ECONOMIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: CARACTERÍSTICAS E DETERMINANTES DE SUA EVOLUÇÃO RECENTE”

Código da disciplina: IEE009

Pré-requisito(s): Economia Política II e Formação Econômica do Brasil

Prof.: René Louis de Carvalho (renecarv@centroin.com.br)

3ª/5ª - 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9074**

OBJETIVO

Fornecer aos alunos recursos teóricos, instrumental de análise e conhecimentos empíricos capazes de propiciar uma melhor compreensão e avaliação das principais tendências e determinantes do desenvolvimento sócio-econômico do estado.

METODOLOGIA

Revisão da bibliografia disponível e identificação das principais fases da evolução recente da economia fluminense. Identificação e discussão crítica dos principais conceitos explicativos da evolução da economia estadual. Confronto entre evolução da economia do estado e principais fases da economia brasileira pondo em evidência as formas de inserção da economia do estado na divisão nacional e regional das atividades econômicas.

PROGRAMA

Apresentação da Disciplina e da metodologia de trabalho.

O ERJ, berço da indústria moderna, principal centro industrial do país até a Primeira Guerra Mundial e centro de serviços sofisticados – cresce, há mais de um século, em ritmo inferior à média nacional e mantém, assim mesmo, um lugar destacado na estrutura industrial e na economia brasileira.

1 – Perda da centralidade industrial e o processo de “esvaziamento econômico” do Estado. Esvaziamento absoluto e relativo. Discussão crítica dos conceitos. O Rio de Janeiro no contexto das fases da industrialização por substituição de importações.

2. Mudança da Capital e seus impactos: perda da centralidade de serviços e fragilidade da economia regional. Ruptura da dinâmica institucional do estado e falta de identidade regional e de instituições voltadas ao desenvolvimento regional.

3. A longa crise da economia fluminense e a Inflexão positiva da segunda parte dos anos 90. A controvérsia sobre continuidade da crise ou reversão da tendência à estagnação. A economia do petróleo e os demais setores da economia fluminense.

4. Desenvolvimento do Interior e diminuição das desigualdades regionais. O RJ no contexto da reestruturação produtiva. Desconcentração das atividades e do emprego industrial.

5. Expectativas e Perspectivas de desenvolvimento para o Estado. Os Investimentos revistos para os próximos anos e a nova inserção da economia fluminense na Divisão Nacional do Trabalho Industrial.

DINÂMICA DA DISCIPLINA

A disciplina combinará aulas expositivas com palestras de especialistas e estudiosos da economia fluminense.

AVALIAÇÃO

Combinação de provas e trabalhos sobre temas da disciplina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CRUZ, J.L. – Rio de Janeiro, os desafios na região brasileira do petróleo. IEd. SENAD. 2005.,.
- DAIN, S. – O Rio de Janeiro de todas as crises: a crise econômica. Estudos IUPERJ, v.80. 1990. RJ.
- Fauré, Y e Hasenclever, L – O desenvolvimento local no ERJ. E-papers. 2005. RJ.
- LESSA, C. - O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca da auto estima. Ed. Record. 2000. RJ.
- LOUREIRO, A.C.N.S. – Rio de Janeiro: uma análise da perda recente da centralidade: Dissertação de mestrado. CEDEPLAR/UFMG. BH. 2006.
- MONIÈ, F. – Logística de transporte, modernização portuária e inserção competitiva do RJ. Revista Território 10. 2001. RJ.
- MOREIRA, R. – Reestruturação industrial e espacial do ERJ. PPGeo-UFF. 2003.
- NATAL, J. – O estado do Rio de Janeiro pós 95: dinâmica econômica, rede urbana e questão social. Ed. Publicatti. 2005. RJ.
- NATAL, J. – A economia fluminense em três tempos. Revista de Economia Fluminense 6. 2007.
- OLIVEIRA, F.J.G. – Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese de Doutorado. U. E. de Campinas.2005.
- PEREIRA, P. G. – A indústria petrolífera e seus „reflexos na economia fluminense. DIEESE. SP. 2002.
- PIQUET, R. – Petróleo, Royalties e Região. Ed. Garamond. 2003.
- SANTOS, A.M.S.P. – Economia, Espaço e Sociedade no Rio de Janeiro. Ed. FGV. 2003. RJ.
- SILVA, M. O. – Rio Nacional, Rio local: mitos e visões da crise carioca e fluminense. Ed. SENAC. 2005.
- SILVA, R. D. – Rio de Janeiro: crescimento, transformações e importância para a economia nacional. Dissertação de mestrado. U.E. de Campinas. 2004.
- SOBRAL, B.L.B. – A desconcentração produtiva regional no Brasil: análise do ERJ. Dissertação de mestrado. Campinas. 2007.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO BRASIL: TEORIA E POLÍTICA

Código da disciplina: IEE012

Pré-requisito(s): **Não tem**

Profa.: Maria Malta (mariamalta@yahoo.com.br)

2ª/4ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9217**

EMENTA

O conceito de desenvolvimento no pensamento econômico brasileiro e a criação do conceito de subdesenvolvimento; O pensamento de Celso Furtado sobre desenvolvimento, subdesenvolvimento e estagnação: influências teóricas e debate político; Maria da Conceição Tavares e Ignácio Rangel no debate sobre os limites da tese estagnacionista; Francisco de Oliveira e a crítica a razão dualista do debate de desenvolvimento; Ruy Mauro Marini e a questão da dependência como base do subdesenvolvimento; Caio Prado Junior, Florestan Fernandes e a revolução brasileira: críticas ao capitalismo dependente; Maria da Conceição Tavares, Antônio Barros de Castro e Carlos Lessa e as interpretações críticas sobre o milagre econômico.

OBJETIVO

O objetivo do curso é introduzir o estudante à temática do desenvolvimento que norteou a construção do pensamento econômico brasileiro pós-1964. O curso será constituído de conferências que articulam o debate político-ideológico na história brasileira com sua base teórica de referência, construindo, assim, simultaneamente a história da teoria e da política econômica que fundou a economia política no Brasil.

PROGRAMA

1. Celso Furtado: desenvolvimento, subdesenvolvimento e estagnação.
2. Ignácio Rangel e Maria da Conceição Tavares: o debate crítico da tese estagnacionista.
3. Francisco de Oliveira: crítica à razão dualista.
4. Ruy Mauro Marini: dependência e subdesenvolvimento
5. Caio Prado Junior e Florestan Fernandes: (revolução brasileira) como alternativa do processo de desenvolvimento (crítica de Caio Prado ao conceito de desenvolvimento no História e desenvolvimento)
6. IEI e Unicamp: interpretações sobre o capitalismo brasileiro e seus limites pós II PND

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Castro, A.B. e Souza, F.E.P., (1985) Economia Brasileira em Marcha forçada, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Castro, M.H. (2005), Introdução in Rangel, I.(2005). Obras reunidas, volumes 1 e 2. Contraponto, Rio de Janeiro.
- Fernandes, F. (1968) Sociedade de classes e subdesenvolvimento, Ed Zahar, Rio de Janeiro.
- Furtado, C. (1984), Teoria e Política do Desenvolvimento, Editora Abril, São Paulo.
- Lessa, C. (1975) Quinze anos de política econômica, Ed, Brasiliense, São Paulo.
- Marini, R. M. (1973) Dialética da dependência in Rui Mauro Marini, Vida e Obras, Expressão Popular, São Paulo (2005).

- Oliveira, F. (2003); *Crítica à razão dualista; O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo.
- Paula, J. A de (2006); Caio Prado Júnior e o desenvolvimento econômico brasileiro in *Pesquisa & Debate*, volume 17, número 1 (29) pp. 1-19, São Paulo, 2006
- Prado Junior, C. (1978); *A Revolução Brasileira*, Ed brasiliense, São Paulo.
- Rangel, I. (1984); *Dualidade e Ciclo Longo*, *Revista de Economia Política*, Vol. 4 nº 1, São Paulo.
- Sampaio Junior, P.A. (1999); *Entre a Nação e a Barbárie: dilemas do capitalismo dependente*. Vozes, Petrópolis.
- Tavares, M. C. e Serra, J. (1971); *Além da Estagnação*, in Tavares, M.C. *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro*, Zahar, Rio de Janeiro, 1972.
- Tavares, M. C. e Belluzzo, L.G. (1982); *Notas sobre o processo de industrialização recente no Brasil*. In: Belluzzo, L. G. e Coutinho, L. (orgs.); *Desenvolvimento Capitalista no Brasil*. Brasiliense, São Paulo.

DINÂMICA TECNOLÓGICA DAS INDÚSTRIAS ENERGÉTICAS

Código da disciplina: IEE532

Pré-requisito: Teoria Microeconômica I

Profs.: Edmar de Almeida & Ronaldo Bicalho & Marcelo Colomer (edmar@ie.ufrj.br)

2ª/4ª - 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9083**

OBJETIVO

O objetivo do curso é fornecer um conjunto de elementos conceituais, teóricos e empíricos que permita analisar as transformações das estruturas de mercado associadas à energia a partir das evoluções tecnológicas observadas nessas estruturas. Tendo como base uma abordagem, essencialmente, neo-schumpeteriana, o curso examina o papel da evolução das tecnologias de produção e uso da energia na evolução das estruturas de mercado do carvão, petróleo, gás e eletricidade. Desse modo, a operação de conceitos essenciais da Economia da Tecnologia em um contexto de transformações estruturais profundas gera as condições favoráveis à apreensão, por um lado, da dimensão analítica estruturante desses conceitos e, por outro, da fundação tecnológica dessas transformações.

MÉTODO DE AVALIAÇÃO

Duas provas em sala de aula, mais participação.

PROGRAMA DO CURSO

1) Tecnologia da Energia: definições e conceitos relevantes (4 horas)

2) Dinâmica Tecnológica das Indústrias Energéticas

2.1) A indústria do petróleo (15 horas)

2.1.1) *O sistema tecnológico da indústria do petróleo*

2.1.2) *O padrão tecnológico tradicional*

2.1.3) *A evolução tecnológica recente*

2.2) A indústria do gás natural (15 horas)

2.2.1) *O sistema tecnológico da indústria do gás natural*

2.2.2) *O padrão tecnológico tradicional*

2.2.3) *A evolução tecnológica recente*

2.3) A indústria de eletricidade (15 horas)

2.3.1) *O sistema tecnológico da indústria de eletricidade*

2.3.2) *O padrão tecnológico tradicional*

2.3.3) *A evolução tecnológica recente*

2.4 – Energias Alternativas (15 horas)

2.4.1) - *Os Biocombustíveis*

2.4.2) - *Energia Eólica*

2.4.3) - *Energia Fotovoltaica*

2.4.4) - *O Papel da Conservação de Energia*

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA E. e BICALHO, R. (2001). Dinâmica Tecnológica das Indústrias Energéticas: Apostila Didática. Mimeo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- B.D. Berger, K.E. Anderson; *Modern Petroleum: A Basic Primer of the Industry*. PennWell Books, 3ª ed. 1992.
- BARKER, Brent (1996).** “Technology and the Transformation of the Electricity Industry”. EPRI Journal, November/December.
- BICALHO, R. G. (1986) - Reflexões Críticas Sobre o Balanço Energético Brasileiro.** Dissertação de Mestrado, Coordenação dos Programas de Pós-graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BICALHO, R.G. (1997) – A Formação de Regularidades Tecnológicas na Indústria de Eletricidade.** Tese de Doutorado, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- C. U. Ikoku; *Natural Gas Production Engineering*, Penn Well Books, 1984.
- C.F. Connaway; *The Petroleum Industry: A Nontechnical Guide*. PennWell Books, 3ª ed. 1992.
- CALABI, A. e all (1985) - Energia e Economia Brasileira. FIPE/Pioneira.**
- CHAMBERS, Ann (1999). “Natural Gas and Electric Power in Nontechnical Language”. Pennwell Publishing co.
- CONAWAY, C. (1999). “The Petroleum Industry: a Nontechnical Guide”. Pennwell Publishing co.
- F. Jahn, M. Cook, M. Graham; *Hydrocarbon Exploration and Production*, Elsevier, 1998.
- H.B. Bradley ; *Petroleum Engineering Handbook*, SPE, 1992.
- INTERNATIONAL ENERGY AGENCY (1994), Natural Gas Transportation: Organisation and Regulation.** Paris, OCDE.
- J.E. Thomas, (ed.); Fundamentos de Engenharia de Petróleo; Ed. Interciência, 2001.**
- KAWAI, M. (1996).** “Gas Transportation Technology: LNG Chain”. *IEA International Conference on Natural Gas Technologies*. Berlim, Setembro.
- MARTIN, Jean Marie (1992) –A Economia Mundial da Energia,** Editora UNESP.
- MCGRAW-HILL (1981) - McGraw-Hill Encyclopedia of Energy, 2 ed. USA: McGraw-Hill.**
- MME (vários números). Balanço Energético Brasileiro.**
- NEIVA, Jucy (1997). Conheça o Gás Natural.** Editora Grifo.
- NEIVA, Jucy (1997). Conheça o Petróleo.** Editora Grifo.
- NEIVA, Jucy (1997). Fontes Alternativas de Energia.** Editora Grifo
- PEEBLES, Malcolm (1980). Evolution of the Gas Industry.** Macmillan Press, New York.
- SMIL, V, (1990) - General Energetics.** Wiley.
- STONELEY, R. (1995). “An Introduction to Petroleum Exploration for Non-Geologists. Oxford University Press.
- U.S. DEPARTMENT OF ENERGY (1999) - Coal & Power Systems: Strategic Plan.** Washington, DC
- WALKER, W. (1985) - "Information Technology and the Use of Energy". Energy Policy, v. 13, n. 5, october. p. 458-476.**
- WALKER, W. (1986) - "Information Technology and the Energy Supply". Energy Policy, v. 14, n. 6, december. p. 466-488.**

ECONOMIA AGRÍCOLA I – “ECONOMIA AGRÁRIA”

Código da disciplina: IEE422

Pré-requisito: **Não tem**

Prof: José Roberto Pereira Novaes (beto.novaes@uol.com.br)

3ª - 09:20/12:50

Nº da turma no SIGA: **9322**

OBJETIVO

O curso Economia Agrária será desenvolvido em quatro unidades. A articulação destas unidades pretende dar aos estudantes uma referência histórica do processo de industrialização da agricultura brasileira, colocando em evidência as mudanças na base técnica e nas relações sociais de produção, o papel do Estado e a dinâmica dos mercados.

PROGRAMA

Unidade I

Inovações tecnológicas na Agricultura: a integração setorial e a questão regional

Temas:

- relação agricultura/indústria: a questão da subordinação
- descontinuidade do processo de produção agrícola
- a dinâmica dos mercados

Textos básicos

- “O Capital”; Marx, K., livro II: cap: 12,13,14(tempo de circulação/tempo de produção)
- “Da Lavoura às Biotecnologias”. David Goodman, Bernardo Sorj, John Wilkson Ed. Campus;1990.
- “Modernização da Agricultura e Sindicalismo: Luta dos Trabalhadores Assalariados Rurais da Região Canavieira de Ribeirão Preto”. Alves, J. Francisco, cap. II, tese de doutorado UNICAMP,1991.
- “Progresso Técnico e Relação de Trabalho na Agricultura”; Graziano Silva, José; HUCITEC-1981
- “Estatuto da Terra”, 1964

Unidade II

A dinâmica do capital na agricultura brasileira e o padrão de desenvolvimento desigual e combinado.

Temas:

- os Complexos Agroindustriais:
- a dinâmica do Capital na Fronteira Agrícola:
- o Capital Comercial e a configuração do “atraso” no Campo.

Textos básicos

- “A Crise Agrária”. Guimarães P. Alberto; Paz e Terra,1979.(cap.III e IV)
- “O Capital Financeiro e Agricultura no Brasil”. Delgado, G.; Ed. UNICAMP, 1985.
- ”Complexos Agroindustriais e outros Complexos”. Graziano da Silva, José; in Reforma Agrária, v.12,n.3,1991.
- “Os Complexos Agroindustriais na Economia Brasileira”. Haguenaer,L. et alli, IEI/UFRJ, Textos para Discussão, n.62,1984.
- “Capitalismo Autoritário e Campesinato”, Velho, G. Otávio, Editora DIFEL, 1976.
- “Modernização, Produtividade e Emprego na Agricultura: uma análise regional”. Kageyama, Angela, tese doutorado, UNICAMP, 1986.

“Fronteira: a degradação do Outro nos conflitos do humano”; Martins; José de Souza;
HUCITEC;1997

Unidade III

A segmentação do trabalho na agricultura e as formas de organização dos trabalhadores

Temas:

- o trabalho assalariado: permanentes e temporários/a migração/cooperativas de trabalho.
- o trabalho familiar na agricultura
- a problemática da integração.

Textos básicos

“Mercado de Trabalho do Setor Sucroalcooleiro do Brasil”. Coord. Ricci, R., IPEA, Estudos de Política Agrícola n. 15, 1994.

“Camponeses e Agroindústria”, Sorj, B. et alli, Editora Zahar, 1982.

“Produtor e Agroindústria: consensos e dissensos”. Paulilo, M. Maria, Editora UFSC,1990.

“Agricultura, Cooperativas e Multinacionais” Coradini, L.Odacir, Editora Zahar,1982

“No Coração do Canavial: estudo crítico da evolução do complexo agro-industrial sucro-alcooleiro e das relações de trabalho na lavoura canavieira” Paixão, Marcelo; tese mestrado COPPE/UFRJ,1994.

“Processo de Trabalho em Tempos de Reestruturação Produtiva: Estratégias e Controle na Agricultura Canavieira”; autor: Luciano Nunes Padrão, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro; Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Agrícola e Sociedade/CPDA ;1996

-”Os Canavieiros do Nordeste: assalariamento e ação sindical”, Novaes, José R., in Revista TEMAS, Programa de Pós Graduação em Sociologia, UNESP,Araraquara-SP,1995.

- “Dinâmica do mercado de Trabalho no setor sucro - alcooleiro, Novaes, José R.,in Segurança Alimentar e Cidadania, org Maria Antonieta Galeazzi, editora: Mercado e Letras, Campinas, 1996

Unidade IV:

A questão agrária, o trabalho familiar e os assentamentos de trabalhadores rurais

“História dos Movimentos Sociais no Campo”, Medeiros, Leonilde, FASE, 1989

“O cativo da Terra”, Martins. J.S., Editora Ciências Humanas, 1981, SP

“Reconstruindo a Agricultura”, Almeida, J et Navarro, Z, Editora da Universidade, 1997, Porto Alegre

“Reforma Agrária: Produção, Emprego e Renda”; Romeiro, A Et Alli Editora Vozes, 1994.

ECONOMIA APLICADA A – “DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE DE RENDA

Código da disciplina: IEE516

Pré-requisito: **Teoria Microeconômica II**

Profa: Valéria Pero (vpero@ie.ufrj.br)

3ª/5ª – 11:00/12:50

Nº da turma no SIGA: **9220**

EMENTA

O curso visa contribuir para temática do desenvolvimento e desigualdade com apresentação de artigos selecionados da literatura recente sobre crescimento, instituições, desigualdade, mobilidade e avaliação de políticas sociais. Assim, a ênfase será dupla: (1) teorias positivas que tratam o fenômeno do desenvolvimento e sua relação com a desigualdade e a mobilidade social e (2) teorias normativas que analisam o efeito de programas redistributivos sobre bem-estar. Com isso, pretende-se fornecer aos alunos referencial analítico e métodos quantitativos para tratar essas questões relativas ao bem-estar social.

MÉTODO DE AVALIAÇÃO

Os alunos deverão escolher um tema para análise e aplicar uma metodologia empírica para desenvolver um trabalho escrito que será apresentado em aula ao final do curso.

PROGRAMA E BIBLIOGRAFIA

1. Crescimento e desenvolvimento

Bourguignon, F. & C. Morrisson. (2002) “Inequality among world citizens: 1820-1992” *American Economic Review*, September, 727-45.

Rodrick, D. (1999) "Where Did All the Growth Go? External Shocks, Social Conflict and Growth Collapses," *Journal of Economic Growth*, December.

2. Instituições e Desenvolvimento Econômico

Acemoglu, D.; S. Johnson, and J. A. Robinson (2002) “Reversal of Fortune: Geography and Institutions in the Making of the Modern World Income Distribution”, *Quarterly Journal of Economics*, 117(4): 1231-94.

North, D. (1991) “Institutions”, *Journal of Economic Perspectives*, 5(1): 97-112.

Sokoloff, K. and S. Engerman (2000) “Institutions, Factor Endowments, and Paths of Development in the New World”, *Journal of Economic Perspectives*, 14(3): 217-32.

3. Estado de bem-estar

Esping-Andersen, G. (1990), *The three worlds of welfare capitalism*. Princeton: Princeton University Press.

Esping-Andersen, Gosta & John Myles, (2009), “Economic inequality and the welfare state”, in: W. Salverda, B. Nolan & T.M. Smeeding (eds.), *The Oxford Handbook of Economic Inequality*, Oxford: Oxford University Press.

Sen, Amartya (2000), *Desenvolvimento como Liberdade*, São Paulo: Companhia das Letras.

4. Instrumentos de Seguro e Participação Financeira

Greenwood, J. e B. Jovanovic (1990) “Financial Development, Growth and the Distribution of Income”, *Journal of Political Economy*, 98(5): 1076-1107.

Townsend, R. (1995) “Consumption insurance: an evaluation of risk-bearing systems in low-income economies”, *Journal of Economic Perspectives*, 9: 83-102.

5. Acesso a Crédito em Países em Desenvolvimento

Ghosh, P.; Mookherjee and Ray, D. (2000) “Credit rationing in developing countries: an overview of the theory”, chapter 11 in *Readings in the Theory of Economic Development*, edited by D. Mookherjee and D. Ray, London: Blackwell, pp. 383-401.

Stiglitz, J. E. e A. Weiss (1981) “Credit rationing in markets with imperfect information”, *American Economic Review*, 71(3): 393-410.

6. Micro-crédito

Armendáriz de Aghion, B; Morduch, J. (2005). *The Economics of Microfinance*. Massachusetts: The MIT Press.

Freixas, X. e Rochet, J.C. (1997) *Microeconomic of Banking*. Massachusetts: MIT Press, cap. 5.

7. Direito de Propriedade

Besley, T. (1995) “Property rights and investment incentives: theory and evidence from Ghana”, *Journal of Political Economy*, 103(5): 903-937.

De Soto, H. (2000) *The mystery of capital: why capitalism triumphs in the West and fails everywhere else*, Basic Books.

8. Determinantes da Desigualdade de Renda: educação, discriminação e segmentação no mercado de trabalho

Barros, R. et AL. (2007). A queda recente da desigualdade de renda no Brasil. In: *Desigualdade de Renda no Brasil: uma análise da queda recente (volume 1)*, Ricardo Paes de Barros, Miguel Nathan Foguel, Gabriel Ulyseia (orgs), IPEA, Brasília.

Blau, Francine D. and Lawrence M. Kahn (2000) “Gender differences in pay”, *Journal of Economic Perspectives*, Vol. 14, No. 4, Fall, 25-46.

Card, D e Alan Krueger (1993). “Trends in Relative Black-White Earnings Revisited”. *The American Economic Review*, vol. 83. n.2, Papers and Proceeding of the Hundred and Fifth Annual Meeting of the American Economic Association, pp. 85-91.

9. Desigualdade de oportunidades

Roemer, J. E. (1998): *Equality of Opportunity*, (Cambridge, MA: Harvard University Press)

Ferreira, F., F. Bourguignon e M. Menendez (2002). “Inequality of Outcomes, Inequality of Opportunities and Intergeneration, al Education Mobility in Brazil”.

10. Persistência das desigualdades: mobilidade social

Behrman, J. R., N. Birdsall, and M. Szekely, (2000), “Intergenerational mobility in Latin America: deeper markets and better schools make the difference”, in Birdsall, N. and C. Graham (Eds), *New Markets, New Opportunities*, Brookings, Washington

Piketty, T. (2000) “Theories of Persistent Inequality and Intergenerational Mobility,” in A. Atkinson and F. Bourguignon, eds., *Handbook of Income Distribution*, vol. 1, North Holland, 429-76.

Solon, G. (2002) “Cross-Country Differences in Intergenerational Earnings Mobility,” *Journal of Economic Perspectives*, Vol. 16, Summer, 59-66.

11. Avaliação de programas sociais

Bourguignon, F. e L. A. Pereira da Silva. (2003) *The impact of economic policies on poverty and income distribution: Evaluation techniques and tools*. Washington, D.C.: Word Bank, Oxford and New York: Oxford University Press.

Heckman, James e Edward Vytlacil (2001). “Policy-relevant treatment effects”. *The American Economic Review*, Vol. 91, n.2, Papers and Proceeding of the Hundred Thirteenth Annual Meeting of the American Economic Association, May, 107-111.

Tavares, P; Pazello, E.; Fernandes, R.; Camelo, R. (2009) “Uma avaliação do programa Bolsa-Família: focalização e impacto na distribuição de renda e pobreza”. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 39, n. 1.

Sen, A. (1995). The political economy of targeting. In: **Public spending and the poor. Theory and evidence**. Van de Walle, D. e Nead, K. (eds), World Bank.

ECONOMIA FINANCEIRA I

Código da Disciplina: IEE604

Pré-requisitos Introdução a Estatística Econômica, Matemática II e Teoria Microeconômica I

Prof.: Manuel Alcino Ribeiro da Fonseca (mfonseca@ccje.ufrj.br)

2ª/4ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9081**

OBJETIVO

Apresentar alguns dos principais temas abordados na área de Finanças, destacando: fundamentos dos mercados de câmbio e de derivativos; determinação dos preços a termo e de futuros; e determinação dos preços de opções.

PROGRAMA

1. FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA FINANCEIRA (CAPS. 4 E 5)

1. 1. Juros e valores futuros; Equivalência de taxas; Capitalização contínua.
- 1.2. Valores presentes; Fluxos de caixa; Anuidades; Perpetuidades; Amortização com pagamentos constantes.
1. 3. Inflação e juros reais.

2. MERCADOS DE CAPITAIS: PREÇOS DOS TÍTULOS DE RENDA FIXA E VARIÁVEL (CAPS. 8 E 9)

2. 1. Obrigações; Definições alternativas de juros; Obrigações sem juros (cupom zero).
- 2.2. Ações; Modelo de dividendos descontados.

3. MERCADO DE CAPITAIS: MODELOS DE SELEÇÃO DE CARTEIRAS (CAP. 12)

- 3.1. Distribuição de probabilidade da rentabilidade de um ativo; Rentabilidade esperada e risco.
- 3.2. Mais de um ativo: distribuição conjunta de probabilidade.
- 3.3. Distribuição da rentabilidade de uma carteira; Rentabilidade esperada e risco da carteira.
- 3.4. Diversificação e risco; Risco específico e risco de mercado.
- 3.5. Carteiras eficientes; Fronteiras eficientes com dois ativos.
- 3.6. Fronteira eficiente com ativo sem risco

4. MERCADO DE CAPITAIS: MODELO DE RIO DOS ATIVOS FINANCEIROS (CAPITAL ASSET PRICING MODEL) (CAP.13)

4. 1. Hipótese do modelo; reta do mercado de capitais.
- 4.2. Modelo simplificado para uma ação (parâmetro beta); Resultados estatísticos, Diversificação e risco; Reta dos mercado de títulos.
- 4.3. Estimação do parâmetro beta (exemplos).
- 4.4. Aplicação à determinação do preço das ações.

5. MERCADO DE CÂMBIO (CAPS. 5 E 7)

5. 1. Taxa de câmbio; Definições; Cotação direta e inversa.
- 5.2. Desvalorização e valorização cambial.
- 5.3. Taxas cruzadas; Arbitragem com moedas; Risco cambial.
- 5.4. Mercado à vista e a termo, Prêmio e desconto; Operações swap.
- 5.5. Arbitragem com juros e câmbio; Paridades das taxas de juros.

6. DERIVATIVOS: PREÇOS A TERMO E DE FUTUROS (CAP. 14)

6. 1. Contratos a termo; Cotações.
- 6.2. Contratos de futuros; Proteção (*hedge*); Alavancagem; Cotações.
- 6.3. Relações entre o preço à vista e o preço a termo: ouro, ações, câmbio.

6.4. Arbitragem com futuros; Determinação de preços futuros (exemplos).

7. DERIVATIVOS: PREÇOS DE OPÇÕES (CAP. 15)

7.1. Definições e conceitos preliminares; Cotações; Opções e seguros; Opções e alavancagem.

7.2. Representação gráfica do retomo de uma opção; Combinações de opções e outros ativos.

7.3. Elementos do preço de uma opção; Valor intrínseco e valor temporal; Limites para o preço de uma opção.

7.4. Paridade entre opções de compra e venda; Arbitragem (exemplos).

7.5. Modelo binomial para o preço de uma opção; Modelo com um estágio; Avaliação neutra em relação ao risco; Generalização do modelo.

7.6. Modelo de Black e Scholes (exemplos); Cálculo da volatilidade (exemplos); Volatilidade impl.

REFERÊNCIAS

Z. Bodie e R. Merton. *Finance*. Prentice-Hall, 1998 (existe tradução).

E. Elton e M. Gruber. *Modern Portfolio Theory and Investment Analysis*. John Wiley, 1995.

J. Hull. *Introduction to Futures and Options Markets*. Prentice-Hall, 1995 (existe tradução).

ECONOMIA INTERNACIONAL III – “COMÉRCIO E CRESCIMENTO ECONÔMICO”

Código da Disciplina: IEE523

Pré-requisitos: Comércio e Investimentos Internacionais

Prof.: Jorge Chami Batista (jchami@uol.com.br)

2ª/4ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9075**

OBJETIVO

Estudar os modelos de crescimento econômico em economias abertas ao comércio internacional e, especialmente, os que relacionam especialização e crescimento.

LIVROS-TEXTO SOBRE CRESCIMENTO ECONÔMICO

Jones, Charles Irving *Introdução à Teoria do Crescimento Econômico*, Editora Campus, 2000;

LIVROS-TEXTO SOBRE COMÉRCIO E CRESCIMENTO

Grossman G. e E. Helpman, *Innovation and Growth in the Global Economy*, The MIT Press, 1991; referido como G&H (1991).

PROGRAMA

1. Fatos estilizados sobre crescimento econômico e especialização: matemática do crescimento; especialização – setores “estratégicos”; economia positiva e normativa; abertura e crescimento; os clássicos; evidências empíricas - Jones, cap. 1 e Apêndice; Chami Batista (2003); Schott (2004), Fontagné et. al (2008).
2. Modelos de comércio e crescimento com progresso técnico exógeno: economias fechadas; modelos com 2 setores e dois países; modelos de vantagens comparativas ou alternativos; modelos de ciclo do produto - Jones, cap.2 e 3; Lewer e Van der Berg (2003); Krugman (1977); Krugman (1981); Mazumdar (1996).
3. Modelos com crescimento endógeno: Jones, cap. 5 e 8; G&H (1991), cap. 4.
4. Modelos de comércio e crescimento econômico endógenos: transferência de tecnologia; modelos Norte-Sul e Ciclo do Produto: Jones, cap. 6 e 7; Matsuyama (1991); G&H cap.12 (1991), cap. 12; Antràs (2005).
5. Evidências empíricas: Chami Batista (2004), Lewer e Van der Berg (2003); Lederman e Maloney (2003); Lee (1994); Hummels e Klenow (2005); Schott (2004), Fontagné et. al (2008); Hausmann e Rodrik (2007).

REFERÊNCIAS

- Antràs, P. Incomplete contracts and the product cycle, *American Economic Review* 95-4, 1054-1073, September, 2005.
- Chami Batista, J Latin American Export Specialization and Growth: an inquiry into the nature of product competition between different exporters, RIEB Discussion Paper Series, 2003.
- Chami Batista, J. Latin American Export Specialization in Resource-Based Products: Implications for Growth, *The Developing Economies* XLII-3, 2004, 337-370.

- Fontagné, L. Gaulier, G. Zignago, S. Specialization across varieties and North-South competition, *Economic Policy*, 51-91, January 2008.
- Hasmann R & J Hwang, e D Rodrik What you export matters, *Journal of Economic Growth* 12-1, 1-25, 2007.
- Hummels, D. & P. Klenow The Variety and Quality of a Nation's Exports, *American Economic Review* 95, 704-723, 2005.
- Krugman P A Model of Innovation, Technology Transfer and the World Distribution of Income, *Journal of Political Economy*, vol.87, no.2, 1977.
- Krugman P A Trade Accumulation and Uneven Development, *Journal of Development Economics* 8, 149-161, 1981.
- Lederman D & W F Maloney Trade Structure and Growth, *World Bank Policy Research Working Paper* 3025, April 2003.
- Lee Jong-Wha Capital Goods imports and long run growth, *Journal of Developing Economics*, vol.48, 1995, 91-110.
- Lewer, J.J. & H. Van den Berg Does trade composition influence economic growth? *Time series evidence for 28 OECD countries and developing countries*, *Journal of International Trade & Economic Development* 12:1, 2003, 39-96.
- Matsuyama, K. Agricultural productivity, comparative advantage and economic growth, *NBER Working Paper No. 3606*, January, 1991.
- Mazumdar, J. Do static gains from trade lead to medium-run growth? *Journal of Political Economy* 104(6), 1328-1337, 1996.
- Schott, P. Across-product versus within-product specialization in international trade. *The Quarterly Journal of Economics* 119-2, 647-78, 2004.

ECONOMIA POLÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS- “ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL”

Código da disciplina: IEE600

Pré-requisito: Ciência Política

Prof.: Ronaldo Fiani (fiani@ie.ufrj.br)

2ª/5ª – 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9219**

APRESENTAÇÃO

A economia política das relações internacionais surgiu na década de 1970, com duas preocupações fundamentais: o desenvolvimento do processo de internacionalização econômica que se iniciou uma década antes, e que ficaria conhecido no final do século XX pelo termo genérico de “globalização”; em segundo lugar, a crise econômica e a derrota americana no Vietnã que pareciam caracterizar uma crise da liderança mundial norte-americana. Desde então, o tema central se definiria como as relações entre os processos internacionais de guerra e paz, por um lado, e os processos de acumulação e crise do capitalismo em escala global, por outro.

Esse curso discutirá a evolução das idéias que precederam o surgimento desse campo de estudo, desde o pensamento mercantilista até as idéias dos clássicos marxistas. Em seguida serão discutidos autores centrais, de forma a oferecer um panorama abrangente das tendências atuais e seus temas. A Economia Política Internacional surgiu na década de 1970, com duas preocupações fundamentais. Em primeiro lugar, a preocupação com o desenvolvimento do processo de internacionalização econômica que se iniciou uma década antes, e que ficaria conhecido no final do século XX pelo termo genérico de “globalização”. Em segundo lugar, a preocupação com a crise econômica e a derrota americana no Vietnã, que pareciam caracterizar uma crise da liderança mundial norte-americana. Desde então, o tema central da Economia Política Internacional se definiria como as relações entre os processos internacionais de guerra e paz, por um lado, e os processos de crescimento e crise econômica em escala global, por outro. Esse curso discutirá a evolução das idéias desse campo de estudo, desde o pensamento dos clássicos marxistas. Em seguida serão discutidos autores centrais, de forma a oferecer um panorama abrangente das tendências atuais e seus temas.

PROGRAMA

INTRODUÇÃO - O QUE É “ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL”?

STRANGE, Susan. Economics and international relations: a case of mutual neglect.

International affairs 1944-, vol. 46, n° 2, pp. 304-315, 1970.

GILPIN, Robert. **Global political economy: understanding the international economic order**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, Cap. 4.

UNIDADE 1. A VERSÃO MARXISTA REVOLUCIONÁRIA

LÊNIN, Vladimir I. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2005. Cap. VII.

BUKHARIN, Nikolai I. **A economia mundial e o imperialismo**. São Paulo: Abril Cultural (coleção Os Economistas), 1984. Caps: VIII, XI, XII e XIII.

UNIDADE 2. O PENSAMENTO GRAMSCIANO: STEPHEN GILL E ROBERT W. COX.

COX, Robert W. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. **Millennium – journal of international studies**, vol. 10, n° 2, 1981, pp. 126-155.

_____. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In GILL, Stephen (Org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GILL, Stephen; LAW, David. Hegemonia global e o poder estrutural do capital. In GILL, Stephen (Org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

UNIDADE 3. A QUESTÃO DO PAPEL DO ESTADO: CHARLES P. KINDLEBERGER, ROBERT GILPIN.

KINDLEBERGER, Charles P. **The World in Depression 1929-1939**. University of California Press, Berkeley, 1973. Cap. 14.

GILPIN, Robert. GILPIN, Robert. **Global political economy: understanding the international economic order**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, Cap. 14.

UNIDADE 4. O NOVO LIBERALISMO: ROBERT O. KEOHANE, JOSEPH S. NYE.

KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. Interdependence in world politics. In CRANE, George T. e AMAWI, Abba (Eds.). **The theoretical evolution of international political economy**. New York: Oxford University Press, 1997.

_____. Realism and Complex Interdependence. In CRANE, George T. e AMAWI, Abba (Eds.). **The theoretical evolution of international political economy**. New York: Oxford University Press, 1997.

UNIDADE 5. A QUESTÃO DA HEGEMONIA: IMMANUEL WALLERSTEIN E GIOVANNI ARRIGHI.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-system analysis: an introduction**. Durham: Duke University Press, 2004. Caps. 2, 3 e 5.

_____. **O declínio do poder americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. Caps. 1 e 3.

ARRIGHI, Giovanni. As três hegemonias do capitalismo histórico. In GILL, Stephen (Org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008. Caps. 6 e 7.

ECONOMIA POLÍTICA III - “PENSAMENTO ECONÔMICO INSTITUCIONALISTA (VEBLEN-COMMONS)”

Código da disciplina: IEE515

Pré-requisito(s): Economia Política I

Prof.: Murillo Cruz (murillo8.cruz@gmail.com preferencialmente e murillo@ie.ufrj.br)
3ª/5ª - 11:10/12:50

BLOG Principal : <http://ufrjecopoliii.blogspot.com/>

Nº da turma no SIGA: **9224**

EMENTA

I – Aspectos Gerais da Escola Institucionalista (Original) em Economia no Contexto da História do Pensamento Econômico

I.1 – Origens e Fontes Históricas do Pensamento *Institucionalista* em Economia

I.2 – A Relevância da Formação e Consolidação do Capitalismo Financeiro Corporativo

II – Thorstein Veblen (1857-1929) e a Formação do Pensamento Econômico

Institucionalista Original

II.1 - As Radicais Transformações de Nossa Atual Época: a Importância da Revolução Científica Darwinista e o Papel da Ciência Moderna e da Biologia nas Ciências Sociais e na Psicologia; a Luta contra o Animismo, a Auto-Ilusão e a Filosofia Moral

II.2 – A Estrutura Sinedóquica da Obra de T.Veblen: os principais Livros e Artigos de T.Veblen; a Estrutura do Principal Curso de T.Veblen: *Economic Factors in Civilization*

II.3 – A Concepção de Natureza Humana para T.Veblen e a Crítica da Economia Ortodoxa (Clássica e Neoclássica)

II.4 – As Principais Categorias Teóricas de T.Veblen

II.5 – A Compreensão e a Crítica do Capitalismo Financeiro Corporativo

Contemporâneo (A Teoria da Moderna Empresa de Negócios)

III – A Recepção e o Legado da Obra de Thorstein Veblen

III.1 – As Principais Tentativas e Dificuldades de Sistematização de uma *Doutrina* e de uma *Escola* Institucionalista em Economia

III.2 – John Commons (1862-1945); e outros fundadores do Institucionalismo Econômico

III.3 – O Legado de Veblen: a Moderna Teoria do Consumo (*Consumerism*); O *New Deal*; o Movimento Tecnocrático; a Teoria do Imperialismo; a Moderna Teoria das Empresas; a Sociobiologia;

BIBLIOGRAFIA (De Referência – Re) (Obrigatória – Ob)

.1. Cruz, M. “*Nossa Época, Nossa Atual Época, Nossa Atual Presente Época*”, 2004 – **Re.**;

.2 Galbraith, J.K.; “*Os Costumes e a Moral do Alto Capitalismo*” [(Cap. 2), in *A Era da Incerteza, 1982-1977*] – **Ob.**

.3. Atkins, W. “*Introdução ao Pensamento Econômico Institucionalista*”, 1933 – **Re.**

.4. Cruz, M. “*A Estrutura do Pensamento Econômico e Social de Thorstein Veblen. Seu Ponto Arquimediano*”, 2007 – **Ob.**

.6. Heilbroner, R. “*Grandes Economistas*”, cap. 8 “*A Sociedade Selvagem de Thorstein Veblen*”, 1959– **Re.**

.7. Veblen, T. “*A Teoria da Classe Ociosa*”, 1899 (7 primeiros Capítulos – versão port.) – **Ob.**

.8 Spindler, Michael; *Veblen and Modern America. Revolutionary Iconoclast*, 2002; **Re.**

- .9 Gambs, John; *Beyond Supply and Demand. A Reappraisal of Institutional Economics*, 1946; **Re.**
- .10. Commons, John; *Legal Foundations of Capitalism*, 1924; **Re.**
- .11 Commons, John: *A Revolução Comercial*, 1920. **Ob.**
- .12. Veblen, Thorstein; *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, 1914; **Ob.**
- .13. Veblen, Thorstein; *The Theory of Business Enterprise*, 1904; **Re.**
- .14. Jaffé, William; *Les Théories Économiques et Sociales de Thorstein Veblen*, 1924 **Re.**

ESTADO E ECONOMIA - “ECONOMIA DO BEM-ESTAR SOCIAL”

Código da disciplina: IEE126

Pré-requisito: **Não tem**

Profa.: Lena Lavinias (lenalavinias@gmail.com)

3ª/5ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9078**

OBJETIVO

Esta cadeira tem por finalidade apresentar os alunos da graduação ao debate sobre proteção social e regimes de seguridade.

O primeiro bloco vai apresentar aspectos gerais acerca do que é a Economia do Bem-Estar e sintetizar duas visões que se sucederam na segunda parte do século XX acerca da questão, diretamente relacionadas à problemática do mercado de trabalho (reprodução e regulamentação e regulamentação da força de trabalho) : a do *welfare* e a da sociedade do risco. Vamos também acompanhar o debate sobre proteção social em curso hoje no âmbito da União Européia.

O segundo bloco vai discutir a questão na América Latina, enfatizando os desafios colocados ao longo da última década com vistas à consolidação de um sistema de proteção social universal e sustentado (financiamento). Enfoque especial será dado ao caso brasileiro, a partir das mudanças decorrentes da adoção do Sistema de Seguridade Social adotado pela Constituição de 1988. Descentralização da política social (modelo federativo), transferências sociais (formatos), regimes de aposentadorias e pensões, financiamento (gasto público), propostas em curso (reforma, etc) serão temas igualmente abordados.

O desenho institucional do sistema de seguridade – previdência, saúde e assistência – será igualmente analisado. Sua estrutura, nível de gasto, etc...

PROGRAMA

BLOCO I: Economia do Bem-estar Social. Fundamentos

Aula 1: Apresentação

Apresentação do curso, da bibliografia e dinâmica das aulas.

O que é política social ? E proteção social?

Aula 2:

O que é a Economia do Bem-Estar?

Barr, N. (2003). *Economics of the Welfare State*. Fourth Edition. Oxford University Press. Cap. 2 e 3.

Aula 3 :

Proteção social por razões de eficiência e justiça

Barr, Op. Cit, Cap. 4

Aula 4:

Continuação das razões para intervenção do Estado

Aula 5:

Seguro privado e seguro público

Barr, Op. Cit, Cap. 5

Aula 6:

Aposentadorias e pensões

Barr, Op. Cit, Cap. 9

Aula 7:

Sistema público de saúde

Barr, Op. Cit, Cap. 12

Aula 8:

Pobreza e desigualdade: como medir

Barr, Op. Cit, Cap. 6

Aula 9:

Políticas de Combate à pobreza e formas de identificação.

Barr, Op. Cit, Cap. 10

Aula 10:

Como se financia a proteção social

Barr, Op. Cit, Cap. 7

Glennester, H. (2003) *Understanding the Finance of Welfare*. London: The Policy Press.
Cap. 3 – How to Pay for Social Programmes? The tax constraint. P. 35-53.

Aula 11:

Os diferentes modelos de proteção social no mundo desenvolvido

Briggs A. (1969). *The Welfare State in Historical Perspective*. In Pierson C. and Castles F. (2003). *The Welfare State Reader*. United States: Blackwell Publishing Inc. Página 18-31.

Esping-Andersen G. (1999). *Three Worlds of Welfare Capitalism*. In *The Welfare State Reader*. United States: Blackwell Publishing Inc, p. 154-169.

Aula 12:

Nova abordagem da proteção contra o risco : O Banco Mundial

Holzmann R. (2001) *La gestion du risque social: un cadre théorique pour la protection sociale*. In Palier B. et Vossat L-C. (ed.) *Politiques Sociales et Mondialisation*. Paris: Ed. Futuribles.

Spicker P. (2001). *Social insecurity and social protection*. In Edwards R. and Glover J. *Risk and Citizenship*. London: Routledge, p. 19-30.

Aula 13:

Paralelos internacionais

Matijascic et alii. (2008). *Financiamento e Gastos da Previdência e da Seguridade Social: a experiência brasileira e os parâmetros internacionais*. In *Previdência Social: como incluir os excluídos*. Fagnani E, Henrique W. e Lúcio C. Campinas: CESIT-IE/UICAMP, LTR, p. 231-256.

Mesa-Lago (a divulgar)

Andras Uthoff (a divulgar)

Aula 14:

A crise do Estado do Bem-estar: recuos ou resistência?

Clayton R. and Pontusson J. (1998). *Welfare State Retrenchment Revisited*. In Pierson C. and Castles F. (org.) (2000). *The Welfare State Reader*, Oxford: Polity Press, p. 320-336.

Pierson P. (1996). *The New Politics of the Welfare State*. In Pierson C. and Castles F. (org.) (2000). *The Welfare State Reader*, Oxford: Polity Press, p. 309-319.

Aula 15: PROVA 1

BLOCO II: Quadro Atual da Proteção Social Social no Brasil

Aula 16:

Primórdios da Proteção Social no Brasil

Teixeira A. Do seguro à seguridade: a metamorfose inconclusa do sistema previdenciário brasileiro. Rio de Janeiro:IEI - UFRJ, T.D. n. 249.

Aulas 17 e 18:

A Criação da Seguridade Social no Brasil e sua Evolução Recente

IPEA (2009). *Políticas Sociais: acompanhamento e análise. Vinte Anos da Constituição Federal*. Cap. 1. Abrahão Castro J. e Ribeiro J.A. As Políticas Sociais e a Constituição de 1988: conquistas e desafios, p. 17 a 96.

IPEA (2009). *Políticas Sociais: acompanhamento e análise. Vinte Anos da Constituição Federal*. Delgado G., Jaccoud L. e Nogueira R.P. Seguridade Social: redefinindo o alcance da cidadania, p. 17 a 37.

Aula 19:

Financiamento da Proteção Social no Brasil

Lavinas L. (2006). A Estrutura do Financiamento da Proteção Social Brasileira e as Contas da Proteção Social. In *Economia e Proteção Social*. Dedecca C. S. e Proni M. W. (org). IE-UNICAMP, p.249- 274.

Salvador E. (2008). Questão Tributária e Seguridade Social. In *Previdência Social: como incluir os excluídos*. Fagnani E, Henrique W. e Lúcio C. (org.)Campinas: CESIT-IE/UICAMP, LTR, p.387-402.

Aula 20:

Política econômica e política social no Brasil – evolução recente

Sicsú J. (2006). Políticas macroeconômicas e políticas sociais. In *Economia e Proteção Social*. Dedecca C. S. e Proni M. W. (org). IE-UNICAMP,

Gentil D. L. (2008). Política Econômica e Seguridade Social no Período Pós 1994. In *Previdência Social: como incluir os excluídos*. Fagnani E, Henrique W. e Lúcio C. (org.) Campinas: CESIT- IE/UICAMP, LTR, p. 355-370.

Aula 21:

Participação popular: Conselhos no âmbito da Seguridade

Salvador E. (2009). Avanços e Limites no Controle da Seguridade no Brasil. In ANFIP. *20 Anos da Constituição Cidadã – avaliação e desafios da Seguridade Social*, p. 109-130.

Aula 22:

A Saúde: diferencial do SUS

Marques R.M. e Mendes. A. O Sistema Único de Saúde e o processo de democratização da sociedade brasileira. In ANFIP. *20 Anos da Constituição Cidadã*. Brasília. P. 221-231.

Piola S. e Vianna S. (2008). Rompendo as Amarras no Financiamento das Políticas Públicas de Saúde. In ANFIP. *20 Anos da Constituição Cidadã*. Brasília, p. 233-240.

Aula 23:

A Previdência Rural e a Universalização dos Direitos

Delgado G. C. e Cardoso Jr. J. C. (1999). O Idoso e a Previdência Rural no Brasil. In Camarano A. A. (org). *Muito além dos 60*. Brasília: IPEA.

Delgado G. C. (2005) Política Social e Distribuição de renda no Brasil. In Baltar et alii. *Salário Mínimo e Desenvolvimento*. UNICAMP, página 163 – 175.

Aula 24:

Combate à pobreza: programas de transferência de renda e o SUAS

Lavinas L. (2009). Pobreza: métricas e evolução recente no Brasil e no Nordeste. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas Públicas para o Desenvolvimento.

Lavinas L. (2007). Transferências de Renda: O quase tudo do sistema de proteção social brasileiro. In Sicsú J. (org.) *Arrecadação (de onde vem) e Gastos Públicos (para onde vai?)* São Paulo: Boitempo.

Aula 25:

Inclusão Social e Progressividade

Lavinas L. (2009). Inclusão e Progressividade: os desafios da Seguridade Social brasileira. In ANFIP. 20 Anos da Constituição Cidadã – avaliação e desafios da Seguridade Social, Brasília, p. 89-96.

Lavinas L. e Cavalcanti A. (2008). O Legado da Constituição de 1988: é possível incluir sem universalizar? In *Previdência Social: como incluir os excluídos*. Fagnani E, Henrique W. e Lúcio C. (org.) Campinas: CESIT-IE/UICAMP, LTR, P. 468-490.

Aula 26: PROVA 2

Aula 27:

Entrega das NOTAS/ Avaliação do Curso

Aula 28:

PROVA FINAL

Aula 29:

ENTREGA DAS NOTAS PROVA FINAL

ESTRATÉGIA EMPRESARIAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – “TEORIA E PRÁTICAS DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL APLICADA AO SETOR FINANCEIRO”

Código da disciplina: IEE002

Pré-requisito: Economia Política II

Profa.: Valéria da Vinha (valeriavinha@globocom.com)

3ª/5ª - 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9221**

OBJETIVO

O curso propõe-se a compreender o ambiente de competitividade originado no contexto de uma economia mundial crescentemente condicionada às restrições ambientais e às pressões sociais. As estratégias empresariais formuladas com base nos princípios do desenvolvimento sustentável alteram a relação da firma com seus *stakeholders* (grupos de interesse), aumentando sua influência nos processos decisórios corporativos e na transformação organizacional. Como resultado, torna o ambiente institucional mais complexo, flexibilizando a fronteira entre o público e o privado, e entre a economia e a sociedade.

PROGRAMA

1. Abordagem teórica

- Firms e mercados no ambiente da economia do conhecimento e da sociedade da informação
- A Sociologia Econômica e o conceito de “enraizamento social” (*social embeddedness*)
- Inovação e estratégia na Teoria Evolucionária
- A Visão Baseada em Recursos Naturais

2. A trajetória da convenção da sustentabilidade

- Concepção e evolução do ambientalismo empresarial
- Os principais agentes de mudança
- Contexto institucional, nacional e internacional

3. Experiências Comparadas e análise crítica às falsas noções de responsabilidade social corporativa

- Panorama crítico dos indicadores e das chamadas “melhores práticas”.
- Os impactos dos setores mais poluentes e suas estratégias sócio-ambientais (papel e celulose, óleo e gás, mineração)
- Formas de articulação de interesses no quadro dos conflitos sócio-ambientais (ex: consórcios e comitês de gestão de bacias hidrográficas; alianças e parcerias multi-setoriais)

4. A resposta do sistema financeiro e os novos mercados

- O papel do sistema financeiro e o fluxo de capitais privados: os Fundos “Verdes” e os Investimentos Socialmente Responsáveis
- Os nichos de mercados e o comércio justo ou ético
- O contexto macro-institucional e as tendências rumo à sustentabilidade.

BIBLIOGRAFIA

ALTVATER, Elmar. *O preço da riqueza: pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: UNESP, 1995. 333 p.

- ASHLEY, P. et alli. **Responsabilidade social corporativa e cidadania empresarial: uma análise conceitual comparativa**. Ed.Saraiva. RJ. 2000
- BECKER,B., MIRANDA, M. (Orgs.). **A geografia política do desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 494 p.
- CLARKSON, Max. **The Corporation and its Stakeholders. Classic and Contemporary Readings**. University of Toronto Press. 1998.
- CUNHA, S.B. e GUERRA, A.J.T (orgs). **A questão ambiental: diferentes abordagens**.Bertrand Brasil.2003.
- DEMAJOROVIC, J. **Sociedade de risco e responsabilidade sócio-ambiental**.Ed. Senac.2001
- FOSS, Nicolai J. (Ed.). **Resources, firms, and strategies: a reader in the resource-based perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1997. 378 p.
- GRANOVETTER, Mark S., SWEDBERG, Richard. (Eds.). **The sociology of economic life**. Boulder, CO: Westview Press, 1992. 399 p. (Ed. orig. 1985).
- HART, Stuart L. "Beyond greening: strategies for sustainable world". **Harvard Business Review**, Harvard, p-66-76, Jan-Feb. 1997.
- HARVARD BUSINESS REVIEW. **Estratégia Corporativa**. Editora Campus. 2000.
- _____ **Gestão do Conhecimento**. Editora Campus.2000.
- KORTEN, David. **O mundo pós-corporativo**. Ed. Vozes. 2002
- MAY, P. (org). **Economia do Meio Ambiente. Teoria e Prática**. Ed. Campus. 2010
- McCRAW, T.K. **Ensaios para uma teoria histórica da grande empresa**. FGV. 1998.
- POLANYI. K. **A grande transformação**. Ed.Campus. 6º Edição. 2000
- PORTER, M. **Vantagem Competitiva**. Ed. Campus, Rio de Janeiro, RJ.1990.
- _____ **What is strategy?** Harvard Business Review, pp.61-78, Nov/Dec. 1996.
- SCHMIDHEINY, Stephan e WBCSD. **Mudando de Rumo**. FGV. 1992.
- SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Int. de Tom Bottomore; trad. de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984. 534 p. (1. ed. 1942).
- STARKEY, R. & WELFORD, R. **Business & Sustainable Development**. Earthscan Publications. London. 2001.
- VEIGA, José Eli da. **A próxima etapa do capitalismo**. São Paulo: [s.n.], 1995.
- , "A insustentável utopia do desenvolvimento". In: -----, **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 149-169.
- VINHA, V. **A convenção do desenvolvimento sustentável e as empresas eco-comprometidas**. Tese de Doutorado. CPDA/UFRJ. 2000.
- _____ **Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: uma Aplicação Contemporânea do conceito de Enraizamento Social (Social Embeddedness)**. Revista Econômica. V. 3. nº 2. Dezembro de 2001 (impresso em setembro de 2003).
- _____ et alli. **Economia do Meio. Teoria e Prática**. Campus. Rio de Janeiro. 2003.

FINANÇAS E ESTRATÉGIA EMPRESARIAL

Código da disciplina: IEE540

Pré-requisito: Economia Industrial

Prof.: Luiz Martins (luizmelo@fujb.ufrj.br)

3ª/5ª- 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9080**

OBJETIVO

Em primeiro lugar, dotar os seus participantes dos instrumentos necessários para a formulação e avaliação das estratégias empresariais voltadas para o crescimento da firma. Em segundo lugar, avaliar o impacto dessas decisões estratégicas sobre as finanças e a competitividade da firma.

MÉTODO PEDAGÓGICO

Aulas expositivas e seminários de avaliação sobre a absorção pelos alunos do conteúdo da matéria lecionada e testes em sala de aula.

MÉTODO DE AVALIAÇÃO:

A avaliação dos alunos será feita através de uma prova em sala de aula que constituirá metade da nota final.

A outra parte da avaliação constituirá dos seguintes itens:

- presença em aula e avaliação dos testes;
- apresentação de um seminário individual sobre um texto do programa do curso escolhido em conjunto com o professor;
- trabalho final sobre um tema do programa do curso.

PROGRAMA

Economia de Empresas: definição de um marco conceitual para a análise da empresa moderna; análise da relação entre a estrutura de capital da firma e o financiamento do seu crescimento.

Estratégia Competitiva: análise da relação entre estratégia e estrutura da firma; a integração entre produção, comercialização e inovação; a estratégia como fator de vantagem competitiva.

Firma e Estrutura Industrial: análise dos impactos microeconômicos do crescimento da firma em uma economia aberta; determinantes da competitividade e mudança estrutural.

Finanças: a estrutura de capital da firma; a valorização dos ativos e o crescimento do passivo; fluxo de caixa e finanças corporativas; o valor dos ativos intangíveis; a relação entre controle e propriedade do capital; fontes de financiamento (*finance e funding*).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA (OUTROS TEXTOS SERÃO DISTRIBUÍDOS EM SALA DE AULA CONFORME O ANDAMENTO DO CURSO)

Básica:

Kupfer, D. & Hasenclever, L. *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus.2002.

Lapponi, J. C. *Projetos de Investimento na Empresa*. Rio de Janeiro: Elsevier. 2007. caps 3-11.

Firma e Estrutura Industrial:

Coutinho L. e Ferraz J. C. (orgs.) (1993) *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*. Campinas: MCT/Finep/PADCT. Introdução.

Economia de Empresas:

Morris, C. R. *Os Magnatas*. Porto Alegre: L&PM, 2007. Cap. 10.

Chandler Jr., A. (1992) "Organizational Capabilities and the Economic History of the Industrial Enterprise". *Journal of Economic Perspectives*, vol. 6, n.3, summer, pp.79-100.

Guimarães, E. A. (1982) *Acumulação e Crescimento da Firma*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Woomack, J. P., Jones, D. T. e Roos, D. (1992) *A Máquina que Mudou o Mundo*. Ed. Campus: Rio de Janeiro. Cap. 2.

Estratégia Competitiva:

Porter, M. E. O que é estratégia? In: Porter, M. E. (ed.) *Competição: Estratégias Competitivas Essenciais*. Rio de Janeiro : Editora Campus, 1999.

Hamel, G. (1996) Strategy as a Revolution. *Harvard Business Review*, July-August, p. 69-82.

Miranda, J. C. e Tavares, M. C. (1999) *Brasil: estratégias da conglomeração* (org.) Fiori, J. L. *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Vozes, Petrópolis, 1999.

Finanças:

Carvalho, F. J. C. *Fundamentos da Escola Pós-Keynesiana: A Teoria de uma Economia Monetária*, *Texto para Discussão no. 176*, Rio de Janeiro, IEI/UFRJ.1988.

Kalecki, M. *A Teoria da Dinâmica Econômica*, São Paulo, Abril Cultural: capítulo 8. 1983.

Steindl, J. Maturidade e Estagnação do Capitalismo Americano. São Paulo, Abril Cultural: Apresentação, caps. 5 e 9. 1983.

Kregel, J. The Natural Instability of Financial Markets, Working Paper No. 523, The Levy Economics Institute, December 2007.

MATEMÁTICA FINANCEIRA I - “MATEMÁTICA FINANCEIRA COM EXCEL”

Código da disciplina: IEE624

Pré-requisito: Matemática I

Prof.: Nelson Chalfun (chalfun@ie.ufrj.br)

4ª/6ª - 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9072**

OBJETIVO

O objetivo do CURSO é o de capacitar o participante a resolver problemas envolvendo a aplicação de instrumentos de matemática financeira em diversos campos da economia e finanças, tais como cálculos de antecipação/postecipação de amortizações, de rentabilidade de carteiras de títulos de renda fixa, de alternativas de investimento, de decisão sobre compras, estoques, de análise de viabilidade de projetos, e outras operações econômicas e financeiras.

METODOLOGIA

A metodologia segue o sistema de aulas práticas no microcomputador, utilizando o software Excel. Em cada aula são apresentados um tipo de problema, os conceitos econômicos e financeiros a ele associados, as funções do Excel passíveis de serem utilizadas, exercícios resolvidos e, finalmente, a proposição de exercícios voltados para a fixação do aprendizado. Os participantes que desejarem poderão utilizar suas calculadoras HP 12C na resolução, em paralelo, de exercícios efetuados.

IMPORTANTE: Este não é um curso voltado para o aprendizado de planilha eletrônica. É necessário já possuir prática na utilização da planilha Excel e, para a elaboração de relatórios que incluam gráficos e tabelas, é indispensável a familiaridade com os comandos do editor de texto e do sistema Windows em geral.

Tópicos do Curso (não necessariamente nesta ordem)

1. Finalidade do uso da calculadora financeira HP 12C e da planilha eletrônica.
 2. Revisão da utilização da planilha Excel
 3. Comandos gerais e específicos da planilha eletrônica
 4. Preparando a planilha eletrônica para as funções financeiras
 5. Construindo fórmulas
 6. Construindo tabelas de uso freqüente
 7. Construindo tabelas com fórmulas
 8. Construindo gráficos
 9. Utilizando as funções financeiras principais
 10. Taxas equivalentes
 11. Utilização das funções calendário (dias corridos, dia360, dias úteis e feriados)
 12. Fator de capitalização
 13. Fator de desconto
 14. Valor presente de uma série uniforme de pagamentos/recebimentos (taxa, período)
 15. Valor presente de uma série de pagamentos/recebimentos
 16. Valor presente líquido e taxa interna de retorno
 17. Operações com títulos públicos e privados
 18. Comparação entre fluxos alternativos
 19. Tábuas de amortização
 20. Situações reais aplicáveis a carteiras de financiamentos e a alternativas de investimento
 21. Análise de Sensibilidade
- Montagem de planos alternativos de investimento

REGULAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ENERGIA

Código da disciplina: IEE-004

Pré-requisito: Teoria Microeconômica I

Prof.: Helder Queiroz (helder@ie.ufrj.br)

3ª/5ª - 11:10/12:50

Nº da turma no SIGA: **9082**

OBJETIVO

Dar aos alunos uma visão integrada das características das indústrias de rede, em particular no setor energético, assim como das transformações ocorridas em suas estruturas e formas de regulação. Hoje, a experiência acumulada após mais de uma década de reformas estruturais e institucionais, permite avaliar os movimentos de reforma regulatória, dando uma perspectiva empírica e crítica às análises teóricas. A ênfase na regulação tradicional foi reduzida, e maior atenção é dada a regulação de indústrias de energia em ambiente competitivo.

MÉTODO PEDAGÓGICO

Aulas expositivas, leituras.

MÉTODO DE AVALIAÇÃO

Provas, trabalho individual, exame final.

PROGRAMA

1. **REGULAÇÃO TRADICIONAL DAS INDÚSTRIAS DE REDE**
Caracterização tradicional de indústrias de rede. Caracterizações alternativas.
Instituições e regulação em algumas indústrias de rede até os anos 60.
Teoria da regulação tradicional de monopólios naturais.
2. **CRÍTICAS À REGULAÇÃO TRADICIONAL**
Efeito Averch-Johnson.
Teoria da Captura. Teoria Econômica da Regulação.
3. **REFORMAS NO SETOR ENERGÉTICO**
Razões da reforma: crise econômica, dificuldades da indústria, mudanças tecnológicas.
Instrumentos de reforma: regulação incentivada; desverticalização; privatização; competição.
4. **ANÁLISE DAS REFORMAS NA INDÚSTRIA DE ELETRICIDADE**
Especificidade do setor elétrico. Histórico das reformas. Análise e perspectivas.
5. **ANÁLISE DAS REFORMAS NA INDÚSTRIA DE GÁS**
Características da indústria de gás. Histórico e análise de sua evolução recente.
Convergências com a indústria de eletricidade.
6. **ANÁLISE DAS REFORMAS NA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO E DERIVADOS**
Especificidade da indústria de petróleo e derivados. As diferenças de regulação no upstream e no downstream. Análise da reforma brasileira.
7. **O PAPEL DOS NOVOS ÓRGÃOS REGULADORES NO BRASIL**
Os papéis da regulação e da competição nas indústrias de energia. A criação da Aneel e da ANP
Problemas a enfrentar: Investimentos na expansão e qualidade do serviço.
Problemas de equidade social: acesso universal.

BIBLIOGRAFIA

Obrigatória:

PINTO JR, H. e allii, *Economia da Energia: fundamentos econômicos, evolução histórica e organização industrial*, Ed. Elsevier-Campus, 2007

1. JOSKOW, P., *Regulation of Natural Monopolies*, MIT, 2005
2. ARAUJO, J.L., “Regulação de Monopólios e Mercados: Questões Básicas”, *I Workshop do Núcleo de Economia da Infra-estrutura-NEI/Pronex*, Rio de Janeiro, julho, 1997.

Complementar

3. BALDWIN, R, CAVE, M., *Understanding regulation : theory, strategy and practice*, Oxford University Press, 1999.
4. BALDWIN, R., SCOTT, C., HOOD, C., *A Reader on Regulation*, Oxford Readings in Socio-Legal Studies, Oxford University Press, 1998.
5. BORESTEIN, C. R. *et al.* (Orgs.). *Regulação e Gestão Competitiva no Setor Elétrico Brasileiro*. Sagra Luzzatto: Porto Alegre.
6. FIANI, R. (1998). *Teoria da Regulação Econômica: Estado Atual e Perspectivas Futuras*. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, Texto para Discussão nº 423.
7. KAHN, A. E. (1998), *Deregulation: micromanaging the entry and survival of competitors*, The Edison Electric Institute, Washington, D.C., fevereiro
8. HELM, D. , JENKINSON, T., *Competition in Regulated Industries*, Oxford University Press, 1998
9. PINTO JÚNIOR, H.(1998) “As missões de regulação: lições internacionais e seus desdobramentos para a organização da Agência Nacional do Petróleo”, in *Notas Técnicas da ANP, NT01/98*
10. PINTO JÚNIOR, H., SILVEIRA, J.P. (1999) “Aspectos Teóricos de Regulação Econômica: controle de preços”, *Nota Técnica ANP no. 009, setembro*
11. PINTO JÚNIOR, H., SILVEIRA, J.P. (1999) “Elementos de Regulação Setorial e de Defesa da Concorrência: uma agenda de questões para o setor de energia”, *Agência Nacional do Petróleo (ANP), Nota Técnica nº6, janeiro de 1999.*(Silveira, J.P.)
12. TREBING, H. (1996), “Analyzing Public Utilities as Infrastructure in a holistic setting – the new challenge for public policy” in Alexander, D.L. , Sichel, W. , *Networks, infrastructure and the new task for regulation* ,The University of Michigan Press.
13. VISCUSI, W. K.; VERNON, J. M.; HARRINGTON JR., J. E. (1997), *Economics of Regulation and Antitrust* (2nd edition, 3rd printing), The MIT Press, Cambridge (Mass), London. (*capítulos 11 e 12*).